

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ANTÔNIO CÉSAR PORTELA MARQUES

A VALIDADE DAS TEÓRIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA DA RÚSSIA

Rio de Janeiro

2009

CC ANTÔNIO CÉSAR PORTELA MARQUES

A VALIDADE DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA DA RÚSSIA

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF ALBERTO DUEK

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2009

RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar a validade das Teorias Geopolíticas Clássicas na geopolítica da Rússia contemporânea, mediante a consideração de alguns aspectos recentes que vêm influenciando a política externa desse Estado, no sentido do mesmo recuperar a condição de grande potência que ocupava antes do desmantelamento da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991. Dessa forma, inicialmente, é realizada uma apresentação de como as ideias geopolíticas, presentes desde antes de Cristo, foram consolidadas naquelas que seriam conhecidas como as primeiras teorias geopolíticas. Em seguida, são apresentadas as principais Teorias Geopolíticas Clássicas, de autores como Mahan, Mackinder, Haushofer e Spykman, para finalmente, analisar-se a validade dessas mesmas teorias na geopolítica da Rússia contemporânea, atualmente influenciada sobremaneira pelo Eurasianismo, que pode ser descrito como uma linha geopolítica, cuja ideologia é baseada nos obscuros e velhos princípios de autoritarismo, hierarquia e no estabelecimento de um comunitarismo. Destaca-se como relevância dessa obra, o incremento dos estudos de geopolítica na Escola de Guerra Naval.

Palavras-chave: Geopolítica, Rússia, Eurasianismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	AS RAÍZES GEOPOLÍTICAS.....	5
3	AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS.....	7
3.1	Mahan e o Poder Naval.....	7
3.2	Mackinder e o Poder Terrestre.....	8
3.3	Haushofer e as Pan-regiões.....	10
3.4	Spykman e as “Rimland”.....	11
4	A VALIDADE DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA DA RÚSSIA.....	14
5	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Embora as ideias geopolíticas tenham aparecido desde antes de Cristo, pode-se dizer que o desenvolvimento dessas ideias em teorias somente ocorreu no início do século XX, consolidadas em obras de filósofos, geógrafos e militares, que mediante o estudo da História, tentaram explicar como o espaço geográfico influencia o poder político de cada território.

Atualmente, devido às rápidas transformações produzidas pelas inovações tecnológicas, o sistema global encontra-se cada vez mais fechado. As facilidades de comunicações e transportes, por exemplo, reduziram drasticamente o tempo que uma informação circula entre uma extremidade à outra do globo terrestre, como também reduziram, significativamente, o tempo de deslocamento das pessoas entre as diversas regiões do planeta. Avanços tecnológicos têm, ainda, permitido elevar o nível de exploração do espaço geográfico, tornando antigos obstáculos naturais facilmente transponíveis.

Dessa forma, considerando a Geopolítica como um ramo de conhecimento acerca da interação entre a Política, a Geografia e a História, e que tem o espaço geográfico como base de sustentação dos seus conhecimentos, pode-se questionar se os conceitos produzidos nas Teorias Geopolíticas Clássicas ainda podem ser considerados válidos na atualidade.

A obtenção de alguma conclusão ao questionamento supramencionado, é facilitado ao aproveitarmos algum exemplo de ação de Estado na História contemporânea, a fim de verificarmos a possível aplicação das Teorias Geopolíticas Clássicas, ainda nos dias de hoje.

Nesse sentido, este trabalho tem como propósito analisar a validade das Teorias Geopolíticas Clássicas considerando-se os aspectos mais importantes da geopolítica contemporânea da Rússia.

Para fundamentação teórica este estudo valeu-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, através de técnicas indiretas. Inicialmente, é feita uma apresentação de como surgiram as Teorias Geopolíticas Clássicas. Posteriormente, são apresentadas, resumidamente, as Teorias Clássicas do Poder Marítimo, do Poder Terrestre, das Pan-Regiões e das “Rimland”. Finalmente, é realizada uma apresentação dos principais aspectos da geopolítica da Rússia contemporânea, que vem influenciando esse Estado no estabelecimento de novas alianças e foi decisiva para sua participação no conflito da Geórgia, chegando-se, dessa forma, à conclusão da validade das Teorias Geopolíticas Clássicas na atualidade.

2 AS RAÍZES GEOPOLÍTICAS

As ideias geopolíticas são encontradas nas obras de geógrafos, de filósofos e de políticos de todas as épocas e das mais diversas nacionalidades. Como alguns exemplos disso, pode-se mencionar Aristóteles (384 a 322 a.C), que já fazia considerações acerca da íntima dependência da ciência política à geografia, indicando vantagens e desvantagens das populações quando litorâneas e interioranas . Alberto Magno (1206-1280) chegou a prever a construção do Canal de Suez, mostrando possuir grande percepção geopolítica dos acontecimentos históricos. Napoleão Bonaparte (1769-1821) sentenciou que “A Política de um Estado está na sua geografia.” (TOSTA, 1984, p.1).

Todos os exemplos supracitados ilustram que a ideia de geopolítica é bastante antiga, embora o termo Geopolítica tenha surgido bem mais recentemente, já no século XX.

O termo Geopolítica foi originado como uma consequência do aprofundamento dos estudos da Geografia e sua influência no comportamento do homem e no desenvolvimento das sociedades. O General Carlos de Meira Mattos¹, em seu livro *Geopolítica e Modernidade* (2002), diz que foi de uma reflexão normativa acerca da relação política-geografia que surgiu, no campo das ciências, sucessivamente, a Antropogeografia, a Geografia Política e, por fim, a Geopolítica. Dessa forma, o General Meira Mattos define que:

A Geopolítica é o produto da evolução da observação gradual da ação do homem na exploração do meio natural, percorrendo o caminho iniciado no estágio de atenção normativa até se consolidar em conhecimento sistemático e, daí, em teoria positiva (MATTOS, 2002, p.17).

Foi o jurista sueco Rudolf Kjellén² (1864-1922) quem primeiramente utilizou o termo Geopolítica, pelo menos oficialmente, num ensaio intitulado “As grandes potências”, em 1905. Kjellén, em suas obras, sempre procurou diferenciar seu conceito de geopolítica do conceito de geografia política, este último, utilizado por Friedrich Ratzel³ (1844-1904), geógrafo alemão, que em conjunto com Kjellén é considerado precursor das teorias geopolíticas clássicas. Dessa forma, enquanto Ratzel fazia uma abordagem enfatizando as relações homem/natureza, Kjellén fazia sua abordagem considerando a perspectiva do Estado perante a dimensão espacial da sua atuação (VESENTINI, 2005, p.15).

¹ O General Carlos de Meira Mattos era brasileiro, grande estudioso e mestre da geopolítica.

² Rudolf Kjellén era sueco, formado em Direito e lecionava Ciência Política e História nas universidades de *Uppsala* e de *Göteborg* (TOSTA, 1984, p.13).

³ Friedrich Ratzel era alemão, formado em Geografia e foi autor dentre outras obras dos livros *Antropogeografia* e *Geografia Política* (TOSTA, 1984, p.7).

As discussões que surgiram diante desse conceito de geopolítica estabelecido por Kjellén, foram mostrando aos estudiosos do assunto a necessidade de tratar a geopolítica não como uma Ciência Geográfica e sim como uma Ciência Política, sendo então, reconhecida sua autenticidade científica.

Dessa forma, surgiram duas linhas de pensamento acerca da interação homem-geografia. Uma, de autores alemães, considerava o fator geográfico como preponderante na mencionada interação, sendo conhecida como escola determinista. A outra, de autores franceses, considerava o fator político como preponderante, sendo conhecida como escola possibilista (MATTOS, 2002, p.19).

Na verdade, o que se via nos estudos da geopolítica clássica era uma preocupação em estabelecer argumentos para que determinados Estados se fortalecessem no cenário internacional, não havendo dessa forma, preocupação no sentido de produzir um conhecimento, seja de caráter geográfico ou científico, acerca de um aspecto da realidade (VESENTINI, 2005, p.16).

Por isso, como o mundo vivia numa ordem multipolar, com intensas disputas por territórios, novos mercados e recursos, na África, na Ásia e na própria Europa, a geopolítica encontrou um solo fértil para crescer na primeira metade do século XX (VESENTINI, 2005, p.16).

É nesse contexto, que vários pensadores vão utilizar o novo conceito chamado de Geopolítica para fazerem suas análises acerca de como um Estado pode vir a se tornar uma grande potência, considerando basicamente a quantidade de recursos que possuíam e o espaço geográfico que ocupavam, em consonância com o pensamento da época de que o poder político dependia dos recursos disponíveis sob sua propriedade (VESENTINI, 2005, p.16).

3 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

3.1 Mahan e o Poder Naval

O Almirante estadunidense Alfred T. Mahan (1840-1914), apesar de não ter feito uso do termo geopolítica é considerado um dos clássicos da geopolítica, sendo ainda nos dias de hoje, considerado um inspirador da política do Poder Marítimo⁴ (MATTOS, 2002, p.22).

Sua principal obra foi *The influence of sea power upon history*⁵, de 1890, quando ele conceituou o que seria o Poder Marítimo. Acreditava, da mesma forma que os demais geopolíticos clássicos, no “fardo do homem branco”⁶, entendendo que as guerras eram inevitáveis.

Segundo Mahan, o controle das rotas marítimas, por onde circulam os fluxos do comércio internacional, garantiria a hegemonia mundial. Por isso, considerando a posição geográfica dos Estados Unidos da América (EUA), entre os dois maiores oceanos do planeta, e considerando a ausência de inimigos potenciais por terra e a importância do comércio marítimo nas trocas econômicas internacionais, Mahan defende que a ampliação do controle dos mares seria o grande objetivo estratégico desse Estado (VESENTINI, 2005, p.17).

Mahan, em suas obras, mesmo diante de algumas inovações tecnológicas, advindas principalmente da revolução industrial, que já modificavam vários segmentos da sociedade, sustentava que os desafios sociais, políticos e tecnológicos não eram tão relevantes como as lições eternas da guerra no mar. Entendia que, por maiores que fossem as mudanças provocadas pela tecnologia, como os navios de metal e o telégrafo sem fio, a guerra naval como era praticada pelos britânicos até o século XIX, seguiria inalterada (BRASIL, 2007, cap.4, p.8).

Finalmente, Mahan estabelece claramente um vínculo entre a grandeza e a riqueza de um povo com a posse de um grande Poder Marítimo. Segundo ele, é de extrema importância a existência de uma poderosa força naval apoiada por bases, situadas em locais estratégicos, de forma a assegurar o comércio pelos mares. Das suas ideias, uma torna-se realidade, em 1914, com o término da construção do canal do Panamá, unindo os oceanos Atlântico e Pacífico (VESENTINI, 2005, p.18).

⁴ O conceito que Mahan tinha de Poder Marítimo é o mesmo constante na nossa Doutrina Básica da Marinha, que o define como um conjunto de recursos que se relacionam com o uso do mar, como o comércio marítimo, as atividades de construção naval e as forças navais (BRASIL, 2007, cap.4, p.10).

⁵ A influência do poder marinho sobre a história (tradução nossa).

⁶ Visão segundo a qual o Ocidente deveria comandar ou “civilizar” o mundo, sendo que o colonialismo ou o neocolonialismo seria algo positivo para os demais povos (VESENTINI, 2005, p.17).

3.2 Mackinder e o Poder Terrestre

Outro grande teórico da geopolítica clássica é Halford J. Mackinder (1861-1947), diplomata e geógrafo inglês, que desenvolveu a ideia de uma história universal baseada na causalidade geográfica, realizando uma abordagem da história mundial à luz dos fenômenos e dos fatos da geografia (MELLO, 1999, p.32). Desenvolveu sua teoria baseado na possibilidade de criação de um poder mundial tendo como centro uma base continental, se contrapondo a Mahan, que como visto, concebera um poder mundial baseado no domínio dos mares.

Para Mackinder, a geografia era a base da história, sendo a geoestratégia a chave para a hegemonia mundial. É dele o conceito de “pivot area”, “world island”, crescente interior, crescente exterior e “heartland”. A “pivot area” se constituía da região basilar da massa terrestre eurasiática, que seria a área central básica da “world island”. A “world island” era o grande bloco de terras, ao qual chamamos de “Velho Mundo”⁷, onde teria ocorrido a imensa maioria das guerras da humanidade. No coração da “pivot area” existiria a região geoestratégica do planeta, que corresponde nos dias de hoje à conhecida Europa oriental, denominada por Mackinder como “heartland”, cuja a posse seria a condição necessária para se obter a hegemonia mundial. A noção de “heartland” é o conceito-chave da teoria do poder terrestre. Essa região, o gigantesco núcleo eurasiático, segundo Mackinder, possuía três características físicas essenciais: era a mais extensa região de planícies de todo globo terrestre, era região onde se encontravam os maiores rios do mundo, e finalmente, era uma região quase totalmente fechada do mundo exterior em relação às incursões marinhas. Essa região mediterrânea e enclausurada, por esses aspectos físicos, era considerada por Mackinder como uma fortaleza inacessível ao poder marítimo das potências insulares ou marginais da Eurásia, o que por conseguinte, favorecia o desenvolvimento do poder terrestre da potência continental que a possuísse (MELLO, 1999, p.46).

Mackinder⁸ (1904, *apud* VESENTINI, 2005), na sua visão expansionista, dizia que “Quem controla a “heartland” domina a “pivot area” e quem domina a “pivot area” controla a “world island”, e quem controla a “world island” domina o mundo”.

⁷ Velho Mundo é um termo generalizado que define o mundo conhecido pelos europeus até o século XV, a Eurafrásia: os continentes europeu, africano e ilhas adjacentes (1982, Enciclopédia Barsa, p. 565).

⁸ MACKINDER, Halford J.. *The Geographical Pivot of History*. In *Geographical Journal*, 1904, n° 24, 1904, p.150.

Quanto aos conceitos de crescente interior e crescente exterior, em termos geoestratégicos, foram denominados por Mackinder, respectivamente, como sendo as regiões anfíbias eurásianas em torno do “heartland” que constituíam pontos de fricção ou áreas de disputa onde se chocavam o poder marítimo e o poder terrestre, e a periferia do “crescente interior”, onde localizavam-se as grandes potências marítimas, como a Inglaterra, os Estados Unidos da América, Japão, além dos domínios britânicos do Canadá, África do Sul e Austrália (MELLO, 1999, p.49).

Mackinder teve grande influência nas decisões do Tratado de Paz de Versalhes, ao término da I Guerra Mundial (1914-1918), como assessor da diplomacia britânica. Nessa ocasião, ele apresentou uma proposta para que as potências vitoriosas criassem na Europa Oriental uma zona-tampão, desde o mar Báltico até os mares Negro e Adriático, com a função estratégica de estabelecer uma separação entre a Alemanha vencida e a Rússia, impedindo uma possível aliança entre a potência situada no centro da Europa com aquela que controlava a região-pivô da Eurásia. Essa zona-tampão que se constituiu numa verdadeira área de contenção entre a Alemanha e a Rússia, ficou conhecida como cordão-sanitário⁹, porém já em 1938 começou a ser desmantelada, evidenciando a sua fragilidade geopolítica (MELLO, 1999, p.57).

Em 1943, influenciado pelos acontecimentos que ocorriam na II Guerra Mundial (1939-1945), Mackinder complementa o conceito de “heartland” criando o seu segundo conceito geográfico, denominado por ele como “Midland Ocean”. Segundo Mackinder, o “Midland Ocean”, que se trata do Atlântico Norte, era constituído de uma cabeça-de-ponte na França, de um aeródromo protegido na Inglaterra e de reserva de forças bem adestradas, de recursos agrícolas e industriais nos leste dos Estados Unidos e do Canadá (MELLO, 1999, p.68).

Pode-se também dizer que as teorias de Mackinder, embora desenvolvidas a partir de uma ótica especificamente britânica e antigermânica, influenciaram sobremaneira o General Haushofer (1869-1946), que foi o autor intelectual das teorias da “Geopolitik” alemã surgidas no período entre guerras (1919-1938), e grande difusor dessas teorias geopolíticas discutidas na Alemanha, àquela época, fundando a Revista de Geopolítica, como será apresentado a seguir.

⁹ O cordão-sanitário de Mackinder era constituído pela Polônia, Tcheco-Eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia, Grécia, Estados Bálticos e Finlândia (MELLO, 1999, p.57).

3.3 Haushofer e as “Pan-Regiões”

O General e geógrafo Karl E. Nikolaus Haushofer nasceu em Munique, na Alemanha, e criou, na universidade de Munique, o Instituto de Geopolítica, cujos estudos propiciaram uma grande difusão da geopolítica em todo o mundo (TOSTA, 1984, p.60).

Haushofer, também fundou e dirigiu a Revista de Geopolítica, que teve enorme sucesso no período entre os anos de 1924 e 1944, e que abordava temas de acordo com o que é descrito a seguir:

[...] a Revista de Geopolítica abordava temas como o “espaço vital” para a Alemanha (isto é, a necessidade de novos territórios para a nação alemã, especialmente na Europa Central-conceito importante na Geopolitik-e também na África), a nova ordem europeia ou mundial ideais, a superioridade da raça ariana e o seu destino etc (VESENTINI, 2005, p.21).

Haushofer, conforme já mencionado, teve suas ideias muito influenciadas pelas teorias de Mackinder, com a diferença óbvia de que, sob uma ótica alemã, via na aliança entre a Alemanha e a Rússia, o que era o grande temor do geógrafo inglês, a chave para vencer a Grã-Bretanha. Ele via a Rússia como o aliado geopolítico natural da Alemanha.

Haushofer enxergava o mundo, considerando uma ótica geoestratégica, dividido em quatro áreas supercontinentais, que foram por ele denominadas como pan-regiões. A primeira, denominada de Euráfrica, englobava a Europa, a África e o Oriente Médio, e estaria submetida à suserania alemã. A segunda, seria a Pan-Ásia, que era constituída pela China, Coreia, Sudeste asiático e Oceania, sob domínio de influência japonês. Entre as duas primeiras, encontraríamos a Pan-Rússia, formada pela Rússia, Irã e Índia, tutelada pela União Soviética. Finalmente, teríamos a quarta pan-região denominada de Pan-América, que era constituída de todo continente americano sob domínio de influência dos EUA (MELLO, 1999, p.79).

Na verdade, a síntese da “Geopolitik” de Haushofer, é a constituição de um bloco transcontinental eurasiático, formado por uma aliança russo-germânica-japonesa, que seria suficientemente forte para colocar em xeque o poderio naval do império britânico (MELLO, 1999, p.80).

Muito se discute acerca da suposta influência que os estudos de Haushofer teve sobre a política expansionista de Adolf Hitler¹⁰, o que levou o mundo à II Guerra Mundial

¹⁰ Adolf Hitler (1889-1945) foi chanceler e ditador alemão, no período compreendido entre os anos de 1933 a 1945. Sua principal obra foi o livro *Minha Luta*, onde começou a propagar a superioridade da raça “ariana” e as ideias anti-semitas, culpando os judeus, por exemplo, pelos problemas econômicos da Alemanha (KOSHIBA, 2004, p.324).

(1939-1945). É fato que, na prática, a invasão da Rússia pelo império alemão se constitui num contra-ponto às ideias de Haushofer, que defendia veementemente uma aliança russo-germânica, para derrotar a Grã-Bretanha. No entanto, se nesse caso Hitler acabou tomando um rumo oposto ao sugerido nas ideias de Haushofer, por outro lado as ideologias da raça superior ariana e da necessidade de um espaço vital para o futuro da Alemanha, muito defendidas e difundidas no Instituto de Geopolítica fundado por Haushofer, foram plenamente utilizadas pelo governante alemão, servindo até mesmo como justificativa para as ações do líder nazista.

Diante dessa discussão, o próprio Haushofer¹¹, antes de se suicidar, em 1946, saiu-se em sua própria defesa:

Eu vi o livro *Mein Kampf* pela primeira vez quando seu tomo I já estava impresso e recusei-me a fazer sua crítica porque ele nada tinha a ver com a geopolítica. [...]. Evidentemente não tive nenhum papel em sua elaboração e penso que uma comparação científica de meu estilo com o desse livro afastará de mim toda suspeita de ter nele colaborado-suspeita que foi manifestada pela imprensa popular (HAUSHOFER, 1945, *apud* MELLO, 1999, p.90).

A associação da geopolítica com as ideologias nazistas de Hitler, fez com que por algum tempo, os estudos de geopolítica caíssem num certo ostracismo. Mas, no próprio período da II Guerra Mundial, ainda influenciadas pelos estudos da teoria do Poder Terrestre de Mackinder e Haushofer, apareceram novas teorias que ampliaram alguns conceitos por eles estabelecidos. Destaca-se, portanto, os conceitos estabelecidos por Nicholas John Spykman, que como apresenta-se a seguir, questionou alguns pontos da teoria de Mackinder e formulou o importante conceito das “*Rimland*”.

3.4 Spykman e as “*Rimland*”

Nicholas John Spykman (1893-1943), filósofo e geógrafo, nasceu na Holanda, e posteriormente, se naturalizou como cidadão estadunidense (TOSTA, 1984, p.72).

Suas obras, é importante que se ressalte, foram sobremaneira influenciadas pelos pensamentos de Makinder e de Haushofer, podendo-se facilmente distinguir-se seus pontos de comunhão e de divergência, bem como explicar seu alinhamento geopolítico à importância do poder terrestre nas interações de poder.

¹¹ HAUSHOFER, Karl. *Apologie de la Geopolitique Allemande* (11/1945). Em: *De La geopolitique*. Paris: Fayard, 1986, p.162.

Seus principais trabalhos versaram basicamente de geoestratégia dos EUA, e dentre suas principais ideias aparecem a influência da Geografia na política exterior e os fundamentos do que veio a se constituir na geoestratégia de contenção (TOSTA, 1984, p.73).

Dessa forma, contestava aqueles que achavam que os EUA poderiam adotar uma política exterior isolacionista, uma vez que estavam geograficamente protegidos por dois oceanos. Defendia que “a posição geográfica não representava por si só uma proteção estratégica, e que esta tinha que se basear no equilíbrio de poder, assegurado pela aliança com países amigos” (MATTOS, 2002, p.24).

Defendia a integração política e econômica do continente americano, sendo os EUA o gerente dessa economia auto-suficiente e regionalmente integrada. Essa proposta se assemelha às ideias das Pan-Regiões do General Haushofer. Spykman, geógrafo como também era Makinder, concebeu suas teorias geopolíticas baseado na análise do mapa-múndi. Diferentemente do geógrafo inglês, que utilizou em suas análises o planisfério de Mercator, Spykman visualizava o mundo por meio da projeção azimutal equidistante centrada no Pólo Norte. Dessa forma, Spykman alertava para a relativa proximidade geográfica existente entre a América do Norte e a Eurásia, demonstrando ser o isolacionismo uma estratégia suicida, e justificando a defesa de uma política intervencionista como uma estratégia necessária, a fim de propiciar o equilíbrio de forças em escala mundial (MELLO, 1995, p.105).

Da mesma forma que Mackinder, enxergava o sistema global como sendo fechado, onde cada vez mais os acontecimentos ocorridos em qualquer parte do mundo, influenciariam as relações de poder nos mais remotos países. Por isso, salientava a importância dos planejamentos estratégicos e políticos em escala global, para que fossem conservadas as situações de poder dos Estados (TOSTA, 1984, p.73).

Sua percepção da História fez com que assumisse o principal ponto de diferenciação à obra de Mackinder. O geógrafo inglês baseou suas teorias geopolíticas considerando uma pressão centrífuga que partia do “heartland” para o Crescente Interior, ou seja, da região central para as regiões periféricas eurásianas. Spykman constatou que a tendência histórica predominante no século XIX havia se invertido no século XX, e que nas duas guerras mundiais, tanto uma potência terrestre, como uma potência insular, respectivamente, Alemanha e Japão, tentaram uma expansão da região periférica para a região central da Eurásia (MELLO, 1999, p.107).

Baseado na constatação supracitada e considerando ainda a visão geral de Mackinder, Spykman apresenta uma nova concepção, que ficou conhecida como teoria do “Rimland”. Nessa teoria, ao “heartland” se opõem o “Rimland”, ou região das fimbrias,

constituída pela orla marítima do Velho Mundo. Nesse sentido, o Coronel Tosta, define da seguinte maneira o “Rimland”:

O “Rimland”(ou crescente interior de Mackinder) é, funcionalmente, uma vasta zona-tampão de conflitos entre o Poder Terrestre e o Poder Marítimo. O cordão de mares marginais e mediterrâneos, que separam o continente dos oceanos, constitui uma via marítima periférica que integra a massa continental em termos de Poder Marítimo (TOSTA, 1984, p.76).

Ao desenvolver a teoria do “Rimland”, Spykman também contesta a previsão de Mackinder de que o centro do poder terrestre seria deslocado para região central da Sibéria. Isso não ocorreu devido às condições geográficas siberianas não favorecerem seu desenvolvimento econômico e urbano. Portanto, a Rússia europeia, a oeste dos montes Urais, e não a Sibéria, continuava sendo o centro de poder terrestre soviético (MELLO, 1999, p.124).

Se contrapondo resumidamente à teoria de Mackinder, Spykman¹² (1944, *apud* MELLO, 1999) dizia que “Quem controla o “Rimland” domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do mundo”. Essa teoria do “Rimland” é considerada como base geopolítica e estratégica da vindoura política da contenção estadunidense, que previa a necessidade de impedir o expansionismo soviético na Eurásia, através do estabelecimento de alianças militares com países anfíbios e insulares da Europa (MELLO, 1999, p.131).

Dessa forma, finaliza-se a apresentação sumária de algumas das principais Teorias Geopolíticas Clássicas, cujo entendimento das mesmas se faz importante para fundamentar quaisquer influências dessas teorias na atualidade. Doravante, será realizada uma análise da geopolítica contemporânea da Rússia, que vem influenciando sua política externa nos últimos anos, a fim de analisar-se a validade das Teorias Geopolíticas Clássicas nas ações desse Estado.

¹² SPYKMAN, Nicholas John. *The Geography of the Peace*. Nova York: Harcourt Brace Company, 1944.

4 A VALIDADE DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA DA RÚSSIA

Após o desmantelamento da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, houve uma reformulação considerável no arranjo geopolítico da Eurásia. Na verdade, ainda nos dias atuais, além das disputas geopolíticas e da redefinição de uma identidade nacional, existem múltiplas questões étnicas e de demarcação de fronteiras entre os países da antiga URSS que não foram resolvidas, conferindo à região um ambiente de grande instabilidade. Diante dessa situação, mesmo ainda possuindo grande parte do “heartland” definido por Mackinder, a Rússia, abalada pelo fim do império soviético e por uma grave crise econômica, se viu ameaçada de não mais voltar a desempenhar o papel de potência mundial e até mesmo regional. Essa ameaça deve-se, principalmente, à expansão da Organização do Tratado do Países do Atlântico Norte (OTAN)¹³ e da União Européia (UE)¹⁴ em direção aos Países Bálticos e aos países do Cáucaso, como o Azerbaijão e a Geórgia.

Nesse sentido, a Rússia vem tentando adotar uma postura mais atuante no cenário internacional, respaldada pelo seu ainda respeitável arsenal nuclear e pelas suas gigantescas reservas de petróleo e gás natural, costurando novas alianças e priorizando a região da Eurásia e a própria Ásia. Essa nova linha geopolítica russa, que vem orientando sua política externa, denomina-se Eurasianismo.

O Eurasianismo é, na verdade, uma obscura e velha moldura ideológica baseada nos princípios de autoritarismo, hierarquia e no estabelecimento de um comunitarismo, que se sobrepõe à índole individualista e econômica (SANTOS, 2004). Desde a assunção do ex-presidente russo Vladimir Putin, que governou a Rússia de dezembro de 1999 a 2008, até os dias de hoje, com o presidente Dmitri Medvedev, o Eurasianismo ganhou força na condução da política externa russa. Seu principal ideólogo é Alexander Dughin, que fundou o Partido Eurasiano, em 2002, e é considerado o mais importante geopolítico russo nos dias de hoje.

¹³ A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é uma organização militar que se formou no ano de 1949. Na atualidade, é integrada por 28 países da América do Norte e da Europa, tendo como principais objetivos garantir a segurança militar no continente europeu e exercer influências nas decisões geopolíticas da região (http://www.nato.int/cps/fr/natolive/what_is_nato.htm).

¹⁴ União Européia (UE), anteriormente designada por Comunidade Econômica Européia (CEE) e Comunidade Européia (CE), é uma união supranacional econômica e política de 27 estados-membros estabelecida após a assinatura do Tratado de Maastricht, em 1992, pelos doze primeiros países da antiga CEE (http://www.europa.eu/index_pt.htm).

Sua principal obra é *The Essentials of Geopolitics*, que vem sendo utilizada como livro de cabeceira do expansionismo moderno russo.

Para Dughin, o centro do mundo está na Eurásia e no centro da Eurásia encontra-se a Rússia, como sustentava Mackinder, que na sua teoria considerava a Rússia como uma área-pivô. Dughin¹⁵ (2000, *apud* Marcu, 2007) diz que um império eurasiático tem que controlar esse amplo espaço, para que, posteriormente, domine o mundo. Adaptando as teorias de Mahan, Mackinder e Haushofer, acredita que o mundo voltará a ser regido por uma ordem bipolar caracterizada pelo tradicional conflito entre o Poder Terrestre, representado, segundo ele, pela Alemanha, França, Irã e Rússia e o Poder Marítimo, que seria representado pelos EUA e o Reino Unido, a fim de se atingir o domínio internacional (MARCUS, 2007). Dessa forma, estabelece como objetivos estratégicos russos uma política contrária ao ocidente, bem como, a criação de um espaço Eurasiático sob influência russa, como sustentava Haushofer na sua teoria das Pan-regiões. Considerando esses aspectos, pode-se verificar uma influência indireta das teorias de Mahan, Mackinder e Haushofer na formulação da política externa atual da Rússia.

Seguindo a linha de pensamento de Dughin, o governo russo vem estabelecendo alianças com outros Estados até pouco tempo inimagináveis, de forma a reverter a posição pouco influente internacionalmente, que ora ocupa. Segundo Dughin, apenas uma integração continental da Eurásia, com a Rússia no seu centro, pode garantir aos povos e aos Estados dessa região uma soberania consistente e uma autêntica segurança. Nesse sentido, a Rússia estabeleceu uma aliança com o Irã, que inclui o fornecimento de material militar convencional e de tecnologia nuclear. Essa aliança russo-iraniana, cujo principal propósito seria uma reação à expansão da OTAN em direção à Europa Oriental, é considerada como um dos principais fatos geopolíticos da atualidade (SANTOS, 2004). A referida aliança era vislumbrada por Haushofer, que na formulação da teoria das Pan-regiões, nesse caso específico, na constituição da Pan-Rússia, previa a aliança da Rússia, Irã e Índia, sob a influência da antiga URSS.

Ainda, aproveitando a posição de possuir uma das maiores reservas de petróleo e gás natural do mundo, a Rússia aproximou-se da Alemanha a fim de conseguir apoio para fechar um acordo de cooperação econômica com a UE e vem frustrando várias tentativas de acordos comerciais entre alguns países satélites da ex-URSS, como a Geórgia, a Ucrânia o Azerbaijão e a Moldávia, e a própria UE. Consegue, dessa forma, aumentar sua influência na

¹⁵ DUGHIN, Alexander. *The Essentials of Geopolitics*. Moscou: Artogheia Tentr, 2000.

região e manter a dependência energética da UE em relação à ela. Havia um projeto da Polônia, Romênia e Geórgia de exportação do petróleo da região do Mar Cáspio diretamente para Europa, sem passar pela Rússia, o que foi evitado estrategicamente por essa última (MARCUS, 2007). Provavelmente, ainda fruto dessa aproximação, a Alemanha, juntamente com a França, tem rejeitado veementemente a entrada da Ucrânia na UE, corroborando com a política russa, que vê nessa adesão uma grande perda geopolítica. Nesse sentido, essa aliança entre a Rússia e a Alemanha, vem confirmar mais um pensamento teórico de Haushofer, que via a Rússia como o aliado geopolítico natural da Alemanha.

Na Ásia, a Rússia vem procurando estreitar seus relacionamentos com a China e com a Índia. Nesse sentido, apoiou a China na reivindicação da retirada das Forças Armadas estadunidense da Ásia Central, o que é coerente com um de seus objetivos estratégicos de manter uma posição contrária ao ocidente. Ainda iniciou, pela primeira vez, uma série de exercícios militares com as Forças Armadas da China e da Índia, como uma forma de aproximar-se desses dois países (MARCUS, 2007). Essa aproximação com a China e a Índia, é justificada pelo antigo anseio geopolítico russo, considerando nesse caso as teorias de Mahan, de possuir saídas para os mares quentes, que poderia ser conseguida pelo estabelecimento de parceria, como a utilização eventual de bases e portos desses países. Como foi apresentado anteriormente, Mahan via a necessidade de uma força naval apoiada por bases situadas em locais estratégicos, a fim de assegurar o comércio pelos mares. Portanto, pode-se verificar a influência de mais um geopolítico clássico na formulação das atuais ideias geopolíticas russas.

A Rússia por intermédio das alianças citadas acima, procura, sobretudo, evitar o isolamento e atravessar o cerco das bases militares estadunidenses, neutralizando a política de contenção adotada pelos EUA, que como visto anteriormente, teve sua sustentação geopolítica e estratégica na clássica teoria das “*Rimland*” de Spykman. Como já mencionado, Spykman defendia que os EUA deveriam estabelecer alianças com países amigos para proporcionar um equilíbrio de poder, que por sua vez seria a base de sua proteção estratégica. Dessa forma, percebe-se como mais esse pensamento geopolítico clássico vem influenciando a Rússia nas suas ações de política externa.

Além da política de estabelecer novas alianças para evitar um isolamento, demonstrando claramente sua nova atuação no cenário internacional, a Rússia, no ano passado, se envolveu em um conflito entre a Geórgia e a Ossétia do Sul, se contrapondo à tentativa dos EUA de provocar um recolhimento russo em direção ao oriente, onde poderia ficar isolada pelo poder emergente da China.

A região do Cáucaso, onde ocorreu o conflito, apresenta grande complexidade étnica, religiosa e linguística. Segundo Olic (1999, p.13), o Cáucaso corresponde a uma área de transição entre o “mundo russo” de um lado e o turco-iraniano de outro. A conquista russa sobre o Cáucaso foi um processo longo, ocorrido entre os anos de 1762 a 1870, tendo gerado uma tradicional animosidade, que perdura até os dias de hoje, entre os russos e os povos do Cáucaso. Na II Guerra Mundial (1939-1945), por exemplo, alguns povos do Cáucaso se aliaram aos nazistas na invasão à Rússia.

Em outra tentativa de desafiar a hegemonia da Rússia no Cáucaso, em 1991, a Chechênia proclamou sua independência. Para Rússia, principalmente considerando sua política atual, onde suas principais armas se constituem na posse e distribuição das suas reservas de petróleo e gás natural, a Chechênia possui grande importância geoestratégica, uma vez que abriga uma boa parte das redes de oleodutos vindo do Mar Cáspio. Dessa forma, em 1994, não reconhecendo a referida independência, a Rússia iniciou uma intervenção militar na Chechênia, com duração de quase nove anos, que foi marcada por denúncias de atrocidades e violações dos direitos humanos (OLIC, 1999, p.16).

Esse conflito aumentou a gravidade dos atritos já existentes entre a Geórgia e a Rússia, e aproveitando-se desse argumento, a Geórgia passou cada vez mais a alinhar-se politicamente aos interesses dos EUA. A Geórgia juntamente com a Ucrânia, pleiteiam ingressar na OTAN, o que para os russos é inaceitável, haja vista que, nesse caso, as tropas da OTAN estariam perto de Moscou. Dessa forma, a Rússia se veria cercada, perderia territórios estratégicos e influência internacional. Analisando o temor que a Rússia possui em ser envolvida por países ocidentalizados, verifica-se a consideração da teoria das “Rimland” na concepção da sua política externa.

Em agosto de 2008, em mais um passo do jogo geopolítico na região do Cáucaso, a Geórgia cercou a capital da Ossétia do Sul, sob o pretexto de retomar essa república separatista, que luta pelo reconhecimento da sua emancipação para poder se anexar à Federação Russa juntamente com a Ossétia do Norte. Embora formalmente a Ossétia do Sul, bem como a Abcásia, pertençam à Geórgia, na prática elas se constituem em territórios independentes, com estrutura política própria. Com a finalidade de garantir essa independência, desde a década de 90, a Rússia mantém tropas nesses dois territórios (ALMEIDA, 2008). Por isso, considerando ainda o fato da capital osseta abrigar uma quantidade considerável de russos e por ser uma importante rota de petróleo e gás natural com a sua fronteira, a Rússia decidiu pelo ataque às tropas georgianas como resposta à invasão. Schurster e Chaves fazem a seguinte análise desse conflito:

A questão da Ossétia do Sul - bem como o próprio interesse georgiano - foi incorporada e subsumida por uma disputa geopolítica sobre esta região pivotal para a Eurásia, vis-à-vis a pertinência da ameaça iraniana para os EUA, Israel e Europa e, mais profundamente, com a Rússia se restabelecendo como potência em ascensão após a queda da URSS e a superação da crise econômica do final dos anos 90. Estão centradas aqui, portanto, francas preocupações e operações estadunidenses sobre este limite (CHAVES, SCHURSTER, 2008).

O Almirante Mário César Flores no editorial “O ressurgimento da grande potência”, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, em 2008, fazendo uma análise acerca da resposta militar russa, diz que “[...] o que realmente pesou foi o fato de estar a Geórgia em área de influência inequívoca russa, a retomada pela Rússia da condição de grande potência e ser a Geórgia parte integrante da geopolítica da energia de interesse ocidental”.

Nas próprias análises supracitadas, pode-se verificar o quanto estão presentes no jogo político internacional as conhecidas Teorias Geopolíticas Clássicas. Ao mencionar-se a região pivotal está sendo considerada a teoria de Mackinder, que dizia que no interior da “área pivot” encontrava-se o “heartland”. Já quando é feita a referência de área de influência russa, está sendo considerada a teoria das Pan-regiões de Haushofer. Considerando as teorias de Makinder e Haushofer, também verifica-se o antagonismo das ações políticas da Rússia e dos EUA, representando o conflito entre o Poder Terrestre e o Poder Marítimo, respectivamente.

A Geórgia por ter se aproximado do Ocidente, como já mencionado, esperava receber um apoio mais incisivo dos EUA, de forma a dissuadir a Rússia de qualquer ação militar. Do outro lado, confirmando a influência que o Eurasianismo vem tomando na sua política externa, a Rússia foi muito além de uma resposta defensiva e proporcional. João Marques de Almeida em seu artigo “A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia”, ressalta três aspectos importantes acerca da resposta militar russa:

Em primeiro lugar, as tropas russas não se limitaram a defender o território da Ossétia do Sul e penetraram na Geórgia, chegando a cerca de 40 quilômetros da capital e ocupando Gori e o porto georgiano de Poti no mar Negro. Ou seja, foi uma guerra ofensiva e não meramente defensiva. Em segundo lugar, a Rússia envolveu a Abcásia no conflito, alargando a ofensiva militar contra a Geórgia, [...]. Em terceiro lugar, Moscou considerou a situação pós-guerra como irreversível, reconhecendo unilateralmente a independência dos dois territórios, [...] (ALMEIDA, 2008).

Dessa forma, de acordo com sua linha geopolítica alicerçada pelo Eurasianismo, a Rússia deixa claro que não aceitará interferência na sua área de influência, sendo capaz do emprego da força para mantê-la, e que sua política externa volta a possuir um caráter expansionista. Como já mencionado, o Eurasianismo é uma adaptação das teorias de Haushofer, Mackinder e Mahan. Por isso, à luz dos fatos envolvidos nesse conflito, pode-se associar a importância dada pela Rússia em manter sua área de influência sob seu controle à

teoria das Pan-regiões de Haushofer, bem como, mais uma vez, associar a característica de expansionismo identificada na atual política externa russa à influência da teoria do Poder Terrestre versus o Poder Marítimo de Mackinder.

5 CONCLUSÃO

Os pensadores clássicos da Geopolítica, como Mahan, Mackinder, Haushofer e Spykman, utilizaram essa nova ciência para fazerem suas análises acerca de como um Estado podia se tornar uma grande potência, considerando a quantidade de recursos que possuíam e o espaço geográfico que ocupavam. Nesse sentido, esses pensadores apresentaram, basicamente, argumentações em defesa, seja do domínio do Poder Naval, seja do domínio do Poder Terrestre, como uma necessidade para que um Estado viesse a se constituir numa grande potência.

Com o desmantelamento da antiga URSS, em 1991, a Rússia encontra-se, ainda hoje, procurando caminhos para não perder mais influência no cenário internacional e para voltar ocupar o seu antigo espaço de grande potência mundial. Dessa forma, as Teorias Geopolíticas Clássicas, que no passado serviram como sustentação da análise acerca de como um Estado poderia se tornar uma grande potência, vieram a se constituir numa importante ferramenta para a Rússia contemporânea reencontrar um caminho que a fortalecesse internacionalmente.

A Rússia, por exemplo, continua acreditando que a potência que dominar o coração da Eurásia dominará o mundo, como dizia Mackinder. Considera ainda válida a confrontação entre o Poder Terrestre e o Poder Marítimo nas suas concepções geopolíticas. Aproveitando a posição de possuir uma das maiores reservas de petróleo e gás natural do mundo, conseguiu aproximar-se da Alemanha, corroborando com o pensamento de Haushofer, que via a Rússia como um aliado geopolítico natural da Alemanha. Estabeleceu aliança com a Índia e o Irã, defendida na teoria de Haushofer na constituição da Pan-Rússia, que previa essa aliança, sob a influência da antiga URSS. A Rússia estreitou seus relacionamentos com a China, e pela primeira vez, realizou exercícios militares com esse país e com a Índia. A Rússia pode ter considerado nessa cooperação uma oportunidade de atingir seu antigo anseio geopolítico, qual seja, de possuir saídas para os mares quentes, utilizando-se de portos e bases desses países, de acordo com o que era sugerido por Mahan, que via a necessidade de uma força naval apoiada por bases situadas em locais estratégicos. Contudo, o principal objetivo da Rússia com essas alianças é, sem dúvidas, evitar seu isolamento e atravessar o cerco das bases militares estadunidenses, considerando dessa forma que os Estados Unidos da América continuam adotando sua política de contenção, cuja sustentação geopolítica e estratégica encontra-se fundamentada na teoria clássica das “Rimland”, formulada por Spykman.

O envolvimento da Rússia no conflito entre a Geórgia e a Ossétia do Sul, também deixa claro a influência das Teorias Geopolíticas Clássicas na sua geopolítica atual. O fato da ação militar russa ter tido um caráter ofensivo e não meramente defensivo, demonstra que sua política externa permanece rivalizando com a política ocidentalista dos EUA, caracterizando o tradicional conflito entre o Poder Terrestre e o Poder Marítimo, e demonstra que a Rússia não medirá esforços para manter e até ampliar sua esfera de influência na sua região. Nesse sentido, pode-se mais uma vez verificar as clássicas teorias de Mackinder e Haushofer influenciando as ações políticas da Rússia na atualidade.

Portanto, ao analisar-se os fatos supramencionados, percebe-se a validade das Teorias Geopolíticas Clássicas na geopolítica contemporânea da Rússia, uma vez que as mesmas vêm influenciando conceitualmente as ações desse Estado no cenário mundial.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Marques de. *A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia*. Acesso em: 27 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/20/n20/n20a2.pdf>>.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-304B. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro: EGN, 2007.
- CHAVES, Daniel; SCHURSTER, Karl. *Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão*. Portal eletrônico do tempo presente. Acesso em: 27 Jun. 2009. Disponível em: <[http://www.temppresente.org/artigos/terrorismos e conflitos](http://www.temppresente.org/artigos/terrorismos_e_conflitos)>.
- DUGHIN, Alexander. *The Essentials of Geopolitics*. Moscou: Artogheia Tentr, 2000.
- EUROPA. União Européia (UE). 2009. Disponível em: <http://www.europa.eu/index_pt.htm>. Acesso em: 25 Jun. 2009.
- FLORES, Mário César. *O ressurgimento da grande potência*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 outubro 2008. Editorial. Acesso em: 30 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/editoriais/2008/10/22/opi-1.93.29.20081022.1.1.xml>>.
- HAUSHOFER, Karl. *Apologie dela Geopolitique Allemande* (11/1945). Em: *De La geopolitique*. Paris: Fayard, 1986.
- KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História Geral e Brasil: trabalho, cultura, poder: ensino médio*. 1. ed. São Paulo: Atual, 2004. p.324-325.
- MACKINDER, Halford John. *The Geographical Pivot of History*. In *Geographical Journal*, 1904, n. 24, 1904.
- MARCU, Silvia. *La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolíticos*. Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. v. XI, n. 253, 2007. Acesso em: 28 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-253.htm>>.
- MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e modernidade: a geopolítica brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002. 160 p.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999. 228 p.
- OLIC, Nelson Bacic. *Conflitos do mundo: questões e visões geopolíticas*. São Paulo: Moderna, 1999. 71 p.
- OTAN. *Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)*. 2009. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/fr/natolive/what_is_nato.htm>. Acesso em: 26 Jun. 2009.
- SANTOS, Eduardo Silvestre. *O Eurasianismo: a nova geopolítica russa*. Portal de Estudos Geopolíticos. Projecto Eurásia: revista Evolução. Acesso em: 28 Jun. 2009. Disponível em:

<<http://projectoeurasia.wordpress.com/2009/04/20/o-eurasianismo-a-nova-geopolitica-russa/04/jul>>.

SPYKMAN, Nicholas John. *The Geography of the Peace*. Nova York: Harcourt Brace Company, 1944.

TOSTA, Octavio. *Teorias Geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.

VELHO MUNDO. *Enciclopédia Barsa*. Vol.1. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1982. p.565.:

VESENTINI, José William. *Novas Geopolíticas*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 125 p.